

POLÍTICA E RELIGIÃO EM LUDWIG FEUERBACH: DA CRÍTICA ANTROPOLÓGICA À EMANCIPAÇÃO COMUNITÁRIA

POLITICS AND RELIGION IN LUDWIG FEUERBACH: FROM ANTHROPOLOGICAL CRITICISM TO COMMUNITY EMANCIPATION

David Machado de Oliveira¹

<https://orcid.org/0000-0002-8385-003X>

Antônio Glaudenir Brasil Maia²

<https://orcid.org/0000-0002-2772-9032>

RESUMO

O presente artigo aborda a crítica de Feuerbach às religiões de sua época e a história da humanidade, sobretudo na obra *A Essência do Cristianismo* (1841), a qual aborda a essência tanto do ser humano quanto da religião para chegar então à sua alternativa de construção de um novo mundo. Segundo Feuerbach, a religião projeta a essência da humanidade nos deuses. É por causa desse fenômeno que o autor defende a essência humana como intermédio da construção e efetivação de uma nova religião, de uma nova filosofia, de uma nova política. Para ele, não há como construir uma nova sociedade, a qual nomeia como antropoteísmo, sem levar em consideração esses fatores, suprimindo a teologia em antropologia, não negando a própria religião, como faz o cristianismo, mas afirmando-a. Também é construída nessa nova sociedade uma relação baseada na comunidade dos seres humanos, que atua na harmonia e na reciprocidade das ações, fundamentadas no amor, na racionalidade e na vontade.

Palavras-chave: Crítica da Religião; Nova Política; Nova Religião.

ABSTRACT

This article addresses Feuerbach's critique of the religions of his time and of the history of mankind, especially in *The Essence of Christianity* (1841), where the essence of both human beings and religion is discussed, in order to arrive at his alternative of building a new world. According to Feuerbach, a religion projects the essence of humanity onto the gods. It is because of this phenomenon that our author defends the human essence as an intermediary for the construction and implementation of a new religion, a new philosophy, a new policy. For him, there is no way to build a new society, which he calls antropoteism, without taking into account these factors, suppressing theology in anthropology, not denying religion itself, as Christianity does, but affirming it. Also being built in this society a relationship based on the community of human beings, acting in harmony and reciprocity of actions, based on love, rationality and will.

Keywords: Critique of Religion; New Policy; New Religion.

Introdução

Embora Ludwig Feuerbach (1804-1872) seja pensador do século XIX, a crítica da projeção humana na religião e a ênfase na emancipação do homem continuam pertinentes em

¹ Doutorando em Filosofia na Universidade de Brasília (UNB); Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

E-mail: david.machado199@gmail.com / <http://lattes.cnpq.br/2671176676183401>

² Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Professor Associado da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

E-mail: glaudenir@gmail.com / <http://lattes.cnpq.br/7315079682971494>

debates contemporâneos sobre secularização e humanismo. O problema de deus, da origem do mundo, da humanidade e da religião está presente na história desde a antiguidade. Diversos pensadores atribuíram a existência de tudo com base nos preceitos religiosos, portanto, serão investigadas quais considerações o filósofo supracitado propõe ao que se refere à religião e à teologia.

Segundo o autor, a religião não é um mero erro metafísico, mas uma projeção alienante da essência humana. Feuerbach reinterpreta o "problema de Deus" como uma questão antropológica, invertendo a teologia tradicional: em vez de Deus criar o homem, é o homem quem cria Deus, exteriorizando suas qualidades mais elevadas. Essa abordagem dialoga com debates filosóficos contemporâneos, como os de Jürgen Habermas sobre a função social da religião³ e a ideia de Karl Marx (1818-1883), de que a religião é o "ópio do povo". Assim, enquanto Marx enfatiza a alienação material, Feuerbach foca na alienação psicológica, propondo uma reconstrução da religião como reconhecimento da essência humana.

Diferentemente do que se pensa, Feuerbach não é um inimigo da religião, mas sim faz considerações sobre os seus malefícios, com o intuito de reconstruí-la. Em sua obra *"A essência do cristianismo"* (1841), traz informações de como seria a essência do homem e a essência da religião, para explicar o fenômeno religioso de sua época, século XIX, que era caracterizado por uma estrutura feudal que se fundamentava ideologicamente no cristianismo.⁴

A partir dessas informações, serão abordadas as principais críticas à religião cristã a fim de defender a ideia de que Feuerbach propõe construir uma nova religião. A primeira seção abordará as posições de Feuerbach sobre a essência do homem em geral e, além de tratar a limitação humana como condição para explicar ela mesma, explicará como que, para o autor, o ser humano pode ter acesso e resgatar essa verdadeira essência. Já o segundo momento tratará sobre a própria essência da religião no autor, caracterizada, sobretudo, como revelação das propriedades mais belas da humanidade. Por fim, na terceira seção, será apresentada a noção de nova política e emancipação em Feuerbach, abordando a nova tarefa da filosofia e do convite à construção do antropoteísmo.

³ Em "Entre Naturalismo e Religião: Ensaios Filosóficos", originalmente publicado em 2005, Habermas discute os desafios que as teorias normativas do Estado de direito enfrentam diante do pluralismo religioso e ideológico, além de abordar a importância da religião na esfera pública contemporânea. Ver HABERMAS, Jürgen. Entre naturalismo e religião: ensaios filosóficos. Tradução de Antonio Ianni Segatto e Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2025.

⁴ Partindo dessa premissa, o Estado prussiano do século XIX realizou diversas perseguições, prisões e expurgos contra os críticos da religião e da política naquela época. Inclusive o próprio Feuerbach também sofrera com essa reação.

1. A essência humana para Feuerbach

Na “essência do homem”, primeiro capítulo da introdução da *A Essência do Cristianismo*, Feuerbach afirma que a religião tem como base primordial a diferença do ser humano para o animal. A explicação é simples, os animais diferem da humanidade em razão de não possuírem espiritualidade e, tampouco, consciência, sendo essa última pressuposto da primeira. Vale ressaltar que o termo consciência, aqui, faz referência ao sentido rigoroso, ou seja, rigoroso quando para o ser, seu gênero é objeto para si mesmo e não apenas a consciência como sentimento de si mesmo (cf. FEUERBACH, 2013, p. 35). Em suma, para Feuerbach, onde existe consciência, existe também faculdade para ciência. A ciência é a consciência dos gêneros e, portanto, deve-se ter noção e entendimento do gênero humano.

Feuerbach define a essência humana pela consciência de espécie: diferentemente dos animais, o homem transcende sua individualidade ao refletir sobre seu "gênero" (a humanidade como totalidade). Essa consciência se expressa na razão, no amor e na vontade – tríade que Feuerbach eleva à condição de "perfeições absolutas". Assim, a religião surge quando o homem projeta essas qualidades em um ser transcendente, fragmentando sua própria essência.

Aqui, Feuerbach se aproxima de Hegel ao ver a consciência como autoconhecimento, mas rompe ao rejeitar a mediação divina: para ele, o infinito não está em Deus, mas na capacidade humana de superar limites. Contudo, sua ênfase na "essência" universal ignora contradições históricas, como apontará Marx. Além disso, estudos contemporâneos sobre cognição animal, por exemplo, autoconsciência em primatas⁵, desafiam a dicotomia humano-animal, ao questionar se a espiritualidade é exclusividade humana.

Outra diferenciação que Feuerbach apresenta é a de que os animais possuem uma vida interior idêntica à sua vida exterior. Os seres humanos, por sua vez, possuem uma vida interior diferente da exterior. Nesse sentido, a vida interior dos humanos é caracterizada pela relação com seu gênero, ou seja, as pessoas podem, por exemplo, conversar, explicar coisas para si, internamente, por intermédio do próprio pensamento.

Já os animais não conseguem exercer suas atividades de gênero, como por exemplo, acasalar e se comunicar, sem que haja outro indivíduo fora dele. O homem, por sua vez, exerce a função do gênero, ao pensar e falar (ambas características são apenas de seu gênero), sem a

⁵ Para saber mais sobre o tema ver: KANO, Fumihito; CALL, Josep. Metacognition in nonhuman primates: a review of current knowledge. *Primates*, [S.l.], v. 65, n. 1, p. 1–17, 2024.

necessidade de interação com outro ser humano. Além disso, consegue fazer uma dupla relação do eu e tu (primeira e segunda pessoa) apenas consigo mesmo; a razão disso é que, para o ser humano, sua essência, e não apenas sua individualidade, é para ele o seu próprio objeto.

E qual seria então o objeto da religião? A essência da humanidade, em contraposição à essência dos animais, seria o fundamento da religião e seu próprio objeto. Ademais, para Feuerbach, “a religião é a consciência do infinito; assim, não é e não pode ser nada mais que a consciência que o homem tem da sua essência não finita, não limitada, mas infinita” (FEUERBACH, 2013, p. 36). Um ser finito não possui faculdades para entender a complexidade do que é ser um ser infinito, e muito menos a consciência desse ser, até porque a limitação do ser é também a limitação de sua consciência.

Qual é, então, a essência do ser humano? Para Feuerbach, seria a racionalidade, a vontade, o coração. O ser humano possui essas três qualidades que se conceituam da seguinte forma:

a força do pensamento é a luz do conhecimento, a força da vontade é a energia do caráter, a força do coração é o amor. Razão, amor e vontade são perfeições, são os mais altos poderes, são a essência absoluta do homem enquanto homem e a finalidade de sua existência (FEUERBACH, 2013, p. 36).

E qual seria, para Feuerbach, a finalidade da razão, do amor e da vontade? A própria racionalidade, o próprio amor e o próprio livre-arbítrio. A humanidade surgiu e existe para conhecer, ama para amar e quer porque quer querer, e para ser livres. Ou seja, a essência verdadeira da humanidade é pensar, amar e desejar, a trindade dividida dos seres humanos e que está acima do homem individual. Desse modo, o ser humano não é nada se não possuir essas qualidades.

Quem não experimentou o poder do amor ou pelo menos não ouviu falar dele? Quem é mais forte? O amor ou o homem individual? Possui o homem o amor ou antes não é o amor que possui o homem? Quando o amor leva o homem a se entregar à morte até mesmo com júbilo em nome da amada, é esta força que despreza a morte a sua própria força individual ou não é antes a força do amor? E quem que já pensou de verdade não experimentou o poder do pensamento? (...) Não é o entusiasmo científico o mais belo triunfo que a razão festeja sobre ti? Não é o poder da ânsia de saber um poder absolutamente irresistível, que tudo supera? (FEUERBACH, 2013, p. 37).

Para Feuerbach, a religião retira as qualidades essenciais do ser humano de dentro do próprio e as diviniza como se fossem separadas do indivíduo. Aqui está claramente a fundamentação da alienação religiosa para com os seres humanos: a humanidade criou a religião e não entende que ela foi sua criação. A religião quando diviniza as qualidades dos seres

humanos em deuses, ou em um só deus, reduz a humanidade e sua própria essência. Os homens se tornam incompletos, imperfeitos, e é criada a necessidade de um refúgio para encontrar a perfeição (que está agora com os deuses que foram criados pelos próprios homens).

Portanto, a humanidade não é nada sem seu objeto, sem sua essência. E o homem vai conhecendo isso na medida em que toma consciência dos objetos. Os objetos com qual os sujeitos se relacionam essencialmente e necessariamente nada mais é que do a essência própria, objetiva destes sujeitos (cf. FEUERBACH, 2013, p. 37). Ou seja, o homem toma sua consciência e a transforma em seu objeto. Através dessa atividade, conhece ele mesmo, o seu verdadeiro Eu. Isso vale tanto para os objetos da subjetividade quanto para as características físicas do ser humano.

Ademais, a humanidade projeta o seu poder e a sua essência nas qualidades divinas dos deuses. Assim, a essência dos seres humanos é determinada pelas suas próprias qualidades: o sentimento é determinado pelo sentimento, a razão é determinada pela razão e o amor é determinado pelo amor. Portanto, qualquer que seja o objeto que a humanidade toma para sua consciência, fará com que tomem consciência de sua própria essência.

Não se pode amar, querer e pensar sem sentir essas atividades como perfeições; não se pode perceber que a gente é um ser que ama, que quer, que pensa em sentir uma alegria infinita com isso. Consciência é o ser-objeto-de-si-mesmo de um ser; por isso não é nada especial, nada diferente do ser que é consciente de si mesmo. Como poderia de outra forma ser consciente de si mesmo? Impossível é, pois, ser consciente de uma perfeição como uma imperfeição, impossível sentir o sentimento como limitado, impossível pensar o pensamento como limitado (FEUERBACH, 2013, p. 39).

Portanto, para Feuerbach, consciência é a autoconfirmação do homem, sua autoafirmação, seu amor-próprio, sua própria perfeição. Segundo o autor, quando o ser humano se vê diante do espelho, ele se agrada com sua aparência, com seu modo de ser, com a beleza de sua própria imagem (cf. FEUERBACH, 2013, p. 39). Assim, não haveria nada mais belo para o homem do que ele mesmo, não há nada mais feliz do que sua própria essência; a vaidade, por sua vez, corresponde apenas a um único indivíduo, e isso é diferente da contemplação de sua essência, de sua forma humana.

Qualquer limitação da razão e da essência do homem genereficado⁶ é equivocada. O indivíduo é limitado, a espécie, não. Para Feuerbach, a humanidade pode romper as suas limitações e trabalha para que isso aconteça. Por exemplo, a humanidade entende de ciências

⁶ Que corresponde ao gênero enquanto humano.

naturais, filosofia, teologia etc.; um único indivíduo pode não ser dotado de todo o conhecimento, mas a humanidade produz e amplia o seu intelecto com o passar das gerações.

Se o homem pensa a respeito do infinito, ele confirma a infinitude da faculdade de pensar. Da mesma forma, como ele sente o infinito, é confirmada a infinitude da faculdade de sentir. Assim como o objeto da razão é a própria razão, o objeto do sentimento é o próprio sentir. Feuerbach argumenta que o sentimento fala por si mesmo, posto que só é possível conhecer o sentimento através do sentir. “A música é um monólogo do sentimento. Mas o próprio diálogo da filosofia é, em verdade, apenas um monólogo da razão: o pensamento só fala para o pensamento” (FEUERBACH, 2013, p. 41). Ou seja, existe o sentir da música, que interessa ao sentimento, e a teoria da música, que interessa a racionalidade.

2. A essência das religiões em Feuerbach

Feuerbach defende que o sentimento é a parte principal da religião que tem como fundamentação as características do ser humano. Assim, a religião revela de forma solene as propriedades mais preciosas que estão ocultas no homem, os seus pensamentos mais íntimos, onde se manifesta seu amor mais puro e interno. O homem exterioriza suas melhores qualidades e as contempla como se fossem alheias aos próprios homens. A religião tornou-se, então, a forma do homem se autoconhecer. Esse processo se dá de forma indireta:

A religião, pelo menos a cristã, é o relacionamento do homem consigo mesmo ou, mais corretamente: com a sua essência; mas o relacionamento com a sua essência como uma outra essência. A essência divina não é nada mais do que a essência humana, ou melhor, a essência do homem abstraída das limitações do homem individual, i.e., real, corporal, objetivada, contemplada e adorada como uma outra essência própria, diversa da dele – por isso todas as qualidades da essência divina são qualidades da essência humana (FEUERBACH, 2013, p. 45-46).

Por isso, segundo Feuerbach, não é correto afirmar que o homem religioso tem conhecimento de sua própria essência, visto que este não tem consciência de que a sua essência está refletida na religião, na perfeição de Deus. É histórico, de acordo com o filósofo, que a humanidade projetou sua essência primeiramente fora de si, do que necessariamente dentro dela mesma. Para o autor, essa característica é determinada em nossa natureza. Do ponto de vista religioso, o progresso das religiões na história foi o resultado objetivo da vontade de Deus, e é tido agora, por Feuerbach, como algo subjetivo. Tudo que está relacionado a Deus, na verdade, está relacionado à humanidade propriamente dita.

Dessa forma, a religião, para Feuerbach, é a autoalienação do homem: ao divinizar suas virtudes, ele se esvazia. Deus é o amor, a justiça e a sabedoria que os homens atribuem a um Outro, negando-se como fonte desses valores. Essa crítica ecoa Sigmund Freud (1856-1939), que vê na religião uma projeção de desejos inconscientes⁷, mas Feuerbach vai além: não se trata de ilusão patológica, mas de um estágio necessário para o autoconhecimento.

No entanto, sua análise da religião como "revelação das propriedades mais belas da humanidade" é ambígua. Por um lado, reconhece seu potencial ético (ex.: o amor ao próximo); por outro, denuncia seu papel ideológico em sociedades feudais, onde o cristianismo legitimava hierarquias. Aqui, a tensão com Marx é clara: enquanto Feuerbach vê a religião como problema antropológico, Marx a vincula à estrutura econômica. A secularização, para Feuerbach, não basta – é preciso criar uma religião que celebre o humano.

Outra questão central, para Feuerbach, é o reconhecimento concreto da humanidade enquanto humanidade, e todos os assuntos que englobam a sua essência. Isso irá fundamentar os interesses do filósofo materialista para justificar a tarefa de uma nova filosofia, que teria como objetivo ser totalmente fiel ao homem, falar sobre os problemas do mundo e dos homens, em vez das especulações místicas e idealistas. Portanto, com essa nova filosofia, tendo por característica ser fiel ao homem, a teologia, que para Feuerbach é a justificação indireta da religião para deturpar o reconhecimento da essência humana (cf. FEUERBACH, 2011, p. 63), seria dissolvida em antropologia para assim negar toda e qualquer pretensão de estudos da natureza dos deuses e focar na natureza e essência dos homens.

Para Feuerbach, a realização do homem se dá na aceitação do predicado em vez do sujeito, pois o predicado seria o verdadeiro sujeito, uma vez que o ser humano é o conjunto de suas próprias predicções. O autor afirma ainda que não há nenhum problema com relação às propriedades, qualidades e/ou predicados de Deus possuírem relação ou semelhança com as qualidades humanas. A negação do sujeito, e não do predicado, é considerada ateísmo ou irreligiosidade. Portanto, o que não possui características, não pode ter influência sobre si ou qualquer pessoa, qualquer ser humano. Ao anular as qualidades de um ser, anula-se também sua

⁷ “A religião seria a neurose obsessiva universal da humanidade, originando-se, tal como a da criança, do complexo de Édipo, da relação com o pai. Segundo essa concepção, é de supor que o afastamento da religião deverá suceder com a fatal inexorabilidade de um processo de crescimento, e que justamente agora nos encontramos no meio dessa fase de desenvolvimento” (FREUD, 2014, p. 283 e 284). Através desse raciocínio, a superação da religião, segundo Freud, se desenvolve de acordo com o próprio desenvolvimento da humanidade. A religião é tratada pelo psicanalista alemão como uma “neurose geral”, e que, a partir do crescimento e da superação dessa necessidade, a “neurose” será curada.

própria essência, desse modo, sua existência. Quando o homem retira de Deus suas qualidades, então esse Deus torna-se inexistente. Por fim, o que resta é um ateísmo sutil, oriundo de um desejo de tirá-lo das preocupações e atividades primárias do ser humano. Existe também outra forma de negar tais predicados divinos. É evidente que algumas características divinas são finitas e humanas. Essas qualidades divinas são inúteis para Deus, mas são muito importantes para os homens, uma vez que são as mesmas tanto para o indivíduo quanto para Ele, como algo semelhante que une ambas as existências.

No entanto, a distinção do que é Deus para o homem e o que é Deus em si é algo que perturba a paz da religião. Feuerbach afirma que essa distinção é inútil, uma vez que “não posso saber se Deus é algo diferente em si e por si do que ele é para mim; como for ele para mim, assim será todo para mim” (FEUERBACH, 2013, p. 47).

De acordo com Feuerbach:

O homem religioso se satisfaz completamente com tudo o que Deus é em relação a ele (outra relação ele não conhece), porque Deus é para ele o que pode ser em geral para o homem. Naquela distinção coloca-se o homem acima de si mesmo, i., acima da sua essência, da sua medida absoluta, mas esta colocação é apenas uma ilusão (FEUERBACH, 2013, p. 47).

Em suma, só é possível saber a diferença entre o objeto em si e como ele é para o homem quando o objeto aparece de uma forma diferente daquilo que ele já aparece. No entanto, Feuerbach afirma que, quando a ideia que o indivíduo possui corresponde ao critério do gênero da ideia, então a diferença entre o ser em si e o ser para ele, desaparece.

Feuerbach acrescenta que toda religião tem seu Deus verdadeiro. Toda religião é a verdadeira religião. Os deuses de outras religiões são ideias imperfeitas, incompreendidas, anacrônicas e equivocadas do verdadeiro Deus. As leis das outras igrejas são falhas, irracionais, apelativas e sem fundamento em relação às leis da verdadeira igreja, das verdadeiras escrituras linguísticas, dos verdadeiros dogmas.

Os Deuses precisam ter características humanas, precisam se fundamentar nos predicados dos homens. Segundo Feuerbach, a grande maioria dos Deuses possui características do ser humano; se outro animal tivesse racionalidade, seu Deus teria semelhança com sua própria essência. Um elefante não pensaria o seu Deus como uma formiga, ou como o próprio ser humano. Dessa forma, Feuerbach evidencia a característica da essência religiosa, sua fundamentação humana, assim como também o Seu Deus.

Acredita-se em Deus porque ele é humano. Sentimos a presença de Deus porque somos capazes de sentir os nossos sentimentos, que são refletidos na concepção de Deus.

Tu crês no amor como uma qualidade divina, porque tu amas; tu crês que Deus é um ser sábio e bom porque não conheces nada melhor em ti do que bondade e razão e tu crês que Deus existe, que ele é sujeito ou essência (o que existe é essência, seja designado e definido como substância, pessoa ou de qualquer outra forma) porque tu mesmo existes, porque tu mesmo és um ser (FEUERBACH, 2013, p. 49).

Por isso, Feuerbach afirma que a humanidade não conhece qualidades maiores do que o conhecimento, o amor e a bondade, e, é claro, não conhece felicidade maior do que existir, por isso almeja alcançar a vida eterna em um plano para além da vida terrena, porque sabe que não é possível a eternidade na vida mundana.

Vale destacar a profunda transformação no pensamento filosófico trazida pela crítica de Feuerbach à religião, particularmente no que tange à relação entre o humano e o divino, pois: “Essa crítica religiosa realizada por Feuerbach põe em questão o resgate do homem real, sensível, restituindo-lhe todos os seus atributos outrora alienados em Deus. Este é o aspecto positivo da crítica religiosa” (OLIVEIRA, 2019, p. 11), portanto, ao desmistificar a religião, Feuerbach reconduz a essência divina ao homem, afirmando que Deus não é um ser transcendente, mas uma projeção das qualidades humanas alienadas. Essa reinterpretação inaugura um movimento de resgate do “homem real”, ancorando-o no mundo material e sensível.

E o que ocorre quando são retirados os predicados divinos da vida do homem? Restam os predicados do homem. E mesmo se forem retirados os predicados do homem do próprio homem, restariam os predicados divinos, que são predicados do homem. Assim, a essência humana não precisa de divindade, mas para reconhecer a essência humana, os homens devem utilizar a ferramenta que mais expõe suas qualidades: a religião. O próximo tópico abordará o assunto.

3. A nova política, ou antropoteísmo

Lima Filho afirma que Feuerbach, em “A Essência do Cristianismo” (1841), tem a intenção de apresentar uma *proposta afirmativa*, com um embasamento antropológico e ético-político para solucionar os problemas políticos e religiosos de sua época, diferentemente de como são tratadas as obras de Feuerbach, como algo antirreligioso, de cunho ateuista e negativo (cf. LIMA FILHO, 2018, p. 2-3).

Partindo de um pressuposto da impossibilidade de alinhar Deus e o ser humano, e da necessidade de reduzir a teologia para antropologia, Feuerbach orienta a substituir os deuses pela cultura, pela política e construir uma nova sociedade com a finalidade de colocar o humanismo como o principal guia da emancipação humana, sendo necessária a construção de uma nova filosofia e de uma nova política para estimular a construção de uma nova sociedade.

Feuerbach possui a ambição de suprimir a distância que há entre o homem e seu gênero, e isso só irá se efetivar com base na criação de uma nova religião, sem Deus, que tenha a característica de fazer o coração do homem se adentrar na compreensão do mundo e de sua essência, a qual nomeia como *antropoteísmo*, conforme ele afirma em suas *Teses Provisórias*:

A religião é apenas afecção, sentimento, coração, amor, isto é, a negação e dissolução de Deus no homem. Por conseguinte, a nova filosofia, enquanto negação da teologia, que nega a verdade da paixão religiosa, é a posição da religião. O antropoteísmo é a religião autoconsciente – a religião que a si mesma se compreende. A teologia, pelo contrário, nega a religião sob a aparência de a pôr (FEUERBACH, 2008, p. 13-14).

Portanto, Feuerbach transfere a natureza da divindade de Deus para a divindade da natureza propriamente dita. Mas isso não significa que o autor observa a natureza como algo sagrado, ou seja, como objeto religioso, como é tratado geralmente nas religiões da natureza. Pelo contrário, Feuerbach observa a natureza como uma essência objetiva, que existe independentemente da vontade do homem, que existe apenas por ela mesma (cf. CHAGAS, 2014, p. 88).

Conforme Lima Filho, a religião para Feuerbach sempre esteve estritamente ligada à política (cf. LIMA FILHO, 2017, p. 15), e há a necessidade de construção de uma nova política, desde a reformulação da filosofia proposta em *A Essência do Cristianismo* (1841), para o resgate do comunitário, tema trabalhado nesta mesma obra. Nessa mesma nova política, Feuerbach traz o conceito de verdadeira vida, ou o conceito de amor, sendo considerado como não abstrato, mas sim como verdadeiramente político.

Para Feuerbach, só o amor pode resgatar o sentimento comunitário entre os homens e desenvolver a assim chama teoria da comunidade humana. Tal teoria não deve ser entendida como algo que esteja “de fora para dentro”, pois é necessário fundar os elementos teóricos e práticos que corresponderão às vontades e às características da essência humana, a fim de desenvolver o homem enquanto gênero.

Feuerbach justifica ainda que a construção de uma verdadeira comunidade humana resolve o problema existencial para o indivíduo em particular (cf. LIMA FILHO, 2018, p. 23). Ele entende que a cooperação humana é, para o ser humano, uma condição fundamental de sua própria essência, de sua própria natureza, conforme é afirmado na *A Essência do Cristianismo* (1841):

Nós homens nos distinguimos uns dos outros através de diferenças pessoais, mas na substância, na essência, na humanidade somos um. E esta identificação não faz somente a razão filosófica, mas também o sentimento. Este indivíduo aí é homem como nós; *punctum santis*, neste sentimento desaparecem todas as outras diferenças – se é rico ou pobre, esperto ou estúpido, culpado ou inocente. O sentimento da compaixão, da participação é, portanto, um sentimento substancial, essencial, filosófico (FEUERBACH, 2013, p. 234).

Essa forma de comunidade humana é entendida como um modo para a humanidade conseguir realizar a sua emancipação, a perfeição do gênero humano. As formas de fundamentação dessa comunidade são dadas de variados modos, desde a amizade, a relacionamentos afetivos, ao bem comum que a humanidade pode ter consigo mesma, em atos recíprocos de um indivíduo para outro, do indivíduo para a sociedade e da sociedade para o indivíduo.

Sobre isso, Lima Filho comenta que, para Feuerbach:

A amizade possui um eminente papel político, na medida em que, fundamentada no amor, demonstra concretamente o enlace entre indivíduos que se complementam, algo que só é possível se se admite que a complementaridade só ocorre entre diferentes: o que um tem, ao outro falta; é, portanto, pela diferença que se constrói e se mantém a comunidade humana (LIMA FILHO, 2018, p. 23).

Diante disso, Feuerbach propõe substituir a teologia pela antropologia, transformando a religião em prática comunitária. Seu antropoteísmo não nega o sagrado, mas o reconhece no vínculo humano: "Deus é o nós", afirma. A política, nesse sentido, deve fundar-se no amor recíproco, superando o individualismo burguês.

Essa visão antecipa o comunitarismo de Charles Taylor, que valoriza o reconhecimento mútuo, mas peca por idealizar a harmonia social. Como Marx observa n'A Ideologia Alemã, Feuerbach ignora conflitos materiais: não basta celebrar a "essência humana" – é preciso

transformar condições concretas⁸. Ainda assim, sua ênfase no amor como força política ecoa em movimentos como a teologia da libertação, que une espiritualidade e emancipação social.

Dessa forma, Feuerbach fundamenta um certo tipo de comunitarismo em sua concepção política em *A Essência do Cristianismo* (1841), ideia de comunidade que pressupõe uma filosofia baseada na ideia de pertencimento social, na formação moral e total integração social do ser humano. Dialogando com Lima Filho, essa visão é correta e isso só tem sentido porque: “há uma preocupação central com o tema da comunidade na concepção política presente em —A Essência do Cristianismo—” (LIMA FILHO, 2018, p. 29). Portanto, essa visão se difere de uma compreensão comunitarista da qual conhecemos na contemporaneidade⁹.

Conclusão

Após formular a essência do homem e da religião e os problemas que se desencadearam ao longo da história da humanidade, sejam eles políticos, religiosos e/ou sociais, Feuerbach trabalha em uma alternativa para a emancipação do homem através de uma nova filosofia, de uma nova política, fundamentada em uma nova religião. A nova filosofia defendida pelo autor é caracterizada “com a inclusão da natureza, enquanto base do homem, o objeto único, universal e supremo da filosofia – faz, pois, da antropologia, com inclusão da fisiologia, a ciência universal” (FEUERBACH, 1987, p. 97) e tem como tarefa primordial: “de reconduzir a filosofia do reino das “almas penadas” para o reino das almas encarnadas, das almas vivas; de a fazer descer da beatitude de um pensamento divino e sem necessidades para a miséria humana” (FEUERBACH, 1987, p. 38).

Feuerbach não é um crítico superficial da religião, mas um reformador que busca resgatar seu núcleo ético. Seu antropoteísmo, que também pode ser categorizado como utópico¹⁰, oferece uma ponte entre o sagrado e o secular, propondo uma religião sem

⁸ Na Quarta tese, Marx apreende o materialismo de Feuerbach como limitado, e mostra a incompletude de sua crítica à religião: “Feuerbach parte do fato da autoalienação [Selbstentfremdung] religiosa, da duplicação do mundo [Welt] num mundo religioso e num mundo mundano [weltliche]. Seu trabalho consiste em dissolver o mundo religioso em seu fundamento mundano. Mas que o fundamento mundano se destaque de si mesmo e construa para si um reino autônomo nas nuvens pode ser esclarecido apenas a partir do autoesfacelamento e do contradizer-a-si-mesmo desse fundamento mundano. Ele mesmo, portanto, tem de ser tanto compreendido em sua contradição quanto revolucionado na prática. Assim, por exemplo, depois que a terrena família é revelada como o mistério da sagrada família, é a primeira que tem, então, de ser teórica e praticamente eliminada” (MARX; ENGELS, 2007, p. 534). É evidente, para Marx, que essa resolução do problema religioso é ilusória. Ele levanta veemente que o problema da religião não é uma questão de educação, e que por sua origem ter se dado a partir das relações sociais, esse problema só poderá ser resolvido através de uma transformação radical dessas relações.

⁹ Autores como Robert Bellah, Michael Walzer e Alasdair MacIntyre são mais alguns exemplos.

¹⁰ Utilizaremos a palavra utópico em um sentido positivo, pois a construção de um pensamento com essas características possui a capacidade de projetar horizontes onde os limites da realidade não sufocam os anseios por

transcendência. Hoje, em um mundo marcado por fundamentalismos e niilismo, a proposta feuerbachiana ressurge em correntes como o humanismo secular e o pós-ateísmo, que buscam sentido sem apelar ao divino. Seu desafio permanece: como construir uma comunidade que una razão, amor e vontade sem recair em novas alienações? A resposta talvez esteja não em negar a religião, mas em reinventá-la como projeto coletivo de autotranscendência humana.

A sua nova política, nova religião e nova filosofia têm como objetivo revelar a verdade das coisas e traduzi-las para o idioma humano, para a vida concreta de fato (cf. LIMA FILHO, 2018, p. 35), diferentemente do status quo moderno em que a religião faz com que os homens neguem a sua própria humanidade, neguem sua própria essência e a natureza, porque anseiam a uma vida atemporal, para além do mundo, sobrenatural (cf. CHAGAS, 2010, p. 59). Por conseguinte, fica claro que a nova religião de Feuerbach recupera o significado de humanidade e, assim, os homens poderão seguir rumo ao horizonte da emancipação humana, recuperando os vínculos comunitários e auxiliando-se de forma mútua na superação das suas dificuldades concretas que envolvem todo o gênero humano.

Referências bibliográficas

CHAGAS, E. F. A religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o homem e/ou a natureza divinizados. *Revista Dialectus*, Fortaleza, v. 1, p. 78–91, 2014.

CHAGAS, E. F. A aversão do cristianismo à natureza em Feuerbach. *Philósophos — Revista de Filosofia*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 57–82, 2010.

FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo*. Tradução de José da Silva Brandão. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FEUERBACH, L. *Princípios da filosofia do futuro*. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1987.

FEUERBACH, L. Teses provisórias para a reforma da filosofia. In: FEUERBACH, L. *Filosofia da sensibilidade: escritos (1839–1846)*. Tradução de Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005f. p. 85–100.

FEUERBACH, L. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. Tradução de Artur Morão. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

FREUD, S. *Obras completas, volume 17: inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926–1929)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

HABERMAS, J. *Entre naturalismo e religião: ensaios filosóficos*. Tradução de Antonio Ianni Segatto e Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2025.

justiça, igualdade e bem-estar coletivo. Em um mundo marcado por dificuldades sociais, econômicas e religiosas, ser utópico não é apenas um gesto idealista; é um ato de resistência e de esperança ativa.

KANO, F.; CALL, J. Metacognition in nonhuman primates: a review of current knowledge. *Primates*, [S. l.], v. 65, n. 1, p. 1–17, 2024.

LIMA FILHO, J. E. *Antropologia, ética e política em A essência do cristianismo de Ludwig Feuerbach*. 2017. 149 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

LIMA FILHO, J. E. Elementos para uma reflexão política em Feuerbach: uma aproximação inicial ao problema. *Revista Reflexões*, Fortaleza, ano 7, n. 13, jul./dez. 2018.

MARX, K. 4ª tese sobre Feuerbach. In: MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

OLIVEIRA, R. A. de. Da crítica da religião à crítica da política em Marx: sobre a necessidade de pensar a emancipação para além da política democrático-burguesa. *Revista Helius*, v. 2, p. 68–87, 2019.